

Práticas psicopedagógicas: Preparando-se para a Inclusão

Allan Oliveira¹

Sônia Mendes²

1. INTRODUÇÃO

“Uma tarefa primordial no diagnóstico psicopedagógico é resgatar o amor. Sem dúvida, isto é o que nos importa no caminho da cura” (Paín, 1989).

A presente palestra refere-se a uma revisão da história de aprendizagem de cada um de nós e à aplicação de um Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado (PDPI) para uma aluna surda e com deficiência intelectual, em uma escola especial que pertence à Fundação de Apoio à Escola Técnica — FAETEC / Rio de Janeiro. A escola passa por um processo de ressignificação atendendo as atuais atribuições de: “Estabelecer redes de apoio à formação docente, ao acesso a serviços e recursos, à inclusão profissional dos alunos, entre outros que contribuam na elaboração de estratégias pedagógicas e de acessibilidade” (BRASIL, p.4, 2010).

Em consonância com a necessidade de entendermos que somos fruto de uma história e de que o sujeito aprendente é reflexo da construção de um mundo essencialmente emocional, onde aspectos como aceitação e rejeição, presença e ausência de figuras parentais, realizações e frustrações, conflitos e traumas constituem a dialética da formação do ser e da construção dos papéis sociais que desempenhamos, construímos esta prática pedagógica que contempla mudar o mundo e a sociedade a partir de cada um.

O olhar filosófico deste trabalho perpassa pelos estudos do prof. Manuel Sérgio Vieira e Cunha (2000). Há uma urgência de revisarmos a perspectiva fragmentada, que parte e reparte o ser. A visão que propomos sobre a inclusão é poder ampliar e visualizar esse fenômeno como um paradigma sistêmico. Inclusão é um paradigma, um modelo, uma leitura de mundo numa perspectiva globalística e complexa. Cunha afirma que o homem é “como um ser (projeto) inacabado na busca da sua essência e existência. Corpo e alma se unem passando a ser um todo complexo, estabelecendo uma relação com o mundo exterior”.

¹ Instrutor de Cumim da Escola Especial Favo de Mel/ FAETEC e contador. E-mail: allandavid88@hotmail.com

² Psicóloga CRP-05/20215, Especialista em Educação Especial, formação em Psicodrama e Psicomotricidade, orientadora da EE Favo de Mel/Faetec. Professora convidada pela Uniaubeu e Simonsen.

Sendo assim, a ótica da Inclusão pressupõe minimizar as condições que inviabilizam as pessoas de participarem de modo pleno na sociedade, possibilitando o pleno exercício da cidadania. Logo, *Educação Inclusiva* é ação que visa ao desenvolvimento das potencialidades e à superação das limitações dos indivíduos. (Lopes, Sônia 2011)

Cabe uma revisão do conceito da psicopedagogia em busca de uma unificação do Olhar. Alícia Fernandez (1991) trata como um “ramo que busca compreender mais profundamente como ocorre o processo de aprendizagem numa abordagem integrada”. Ressaltamos alguns parâmetros relevantes de um olhar psicopedagógico:

- O outro é o outro, cada um possui uma forma individual de aprender.
- Há a necessidade da quebra do olhar do ouvinte (dominante), do que se acredita ser o “adequado cognitivamente” no contexto da aprendizagem.
- O entendimento da representação social de um indivíduo no seu contexto — como expressa sua subjetividade no Mundo.
- Qualquer conquista cognitiva passa por uma conquista afetiva e efetiva.

Esses pressupostos embasam o relato da pesquisa em andamento que tem por objetivo apresentar o início da aplicação do Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado com uma aluna surda e com deficiência intelectual, matriculada no Curso de Auxiliar de Garçom-Cumin na Escola Especial Favo de Mel, dentro do eixo de ressignificação e da implementação de propostas inovadoras na prática de formação profissional a pessoas com deficiência.

O objetivo do curso é qualificar pessoas com déficit intelectual, visando à sua integração no sistema produtivo e na própria sociedade e desenvolver suas habilidades básicas, específicas e de gestão com vista à empregabilidade.

É importante também destacar que pessoas com deficiências têm sido excluídas do mercado de trabalho por vários motivos: falta de qualificação para o trabalho, falta de reabilitação profissional e física, falta de escolaridade, falta de meios de transporte e apoio das famílias e quando existe um programa para a qualificação, ele é distante das necessidades reais do mercado de trabalho (SASSAKI, 1997; ARAÚJO, 2008). Aliado aos motivos citados, não podemos subestimar o preconceito e as barreiras atitudinais que prejudicam ainda mais esse processo, principalmente quando abordamos sujeitos com duas ou mais deficiências associadas.

Ao entrarmos em contato com a realidade do sujeito do estudo da turma do curso de Cumin, percebeu-se a necessidade de contemplarmos o seu desenvolvimento com uma proposta que evidenciasse os seus potenciais. O sujeito C - 17 anos, matriculada na Escola Especial Favo de Mel desde 2006, com deficiência intelectual (Síndrome de Down) e perda auditiva, quadro sugestivo de curva do

tipo neurossensorial profunda (ouvido esquerdo) 107 db e no ouvido direito 103 db e audiometria (2004) tipo b em AO (segundo exames apresentados pela família) e linguagem gestual, foi trabalhada por meio de ensino colaborativo para que se apropriasse da LIBRAS.

2. MÉTODO

A referida unidade escolar, que é *locus* do presente estudo, atende cerca de duzentos alunos de seis até aproximadamente trinta anos, e possui uma proposta curricular pautada no princípio de educar na diversidade, o que envolve modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos, nas metodologias, na organização didática e na organização de tempo. Tem a sua atuação sob o eixo: “Trabalho como Princípio Educativo” e para tanto estará organizada em Ciclos de Desenvolvimento.

Dentre as abordagens de pesquisa qualitativa, o aporte metodológico que utilizamos é o estudo de caso. Este, segundo Chizzotti (2006), é uma estratégia de investigação que objetiva reunir dados relevantes, possibilitando um conhecimento mais amplo, dissipar dúvidas quanto a ações posteriores. Sendo assim, para o autor, o estudo de caso:

envolve a coleta sistemática de informações sobre uma pessoa particular, uma família, um evento, uma atividade ou, ainda, um conjunto de relações ou processo social para melhor conhecer como são ou operam em um contexto real e, tendencialmente, visa auxiliar na tomada de decisão, ou justificar intervenções, ou esclarecer por que elas foram tomadas ou implementadas e quais foram os resultados (CHIZZOTTI, 2006, p.135).

Organizaram o estudo, a elaboração e o trabalho de implantação de uma estratégia de individualização no ensino baseado no trabalho do grupo de pesquisa: A Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva: diretrizes políticas e ações pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ). A pesquisa denominada de Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado (PDPI) entra no lugar do termo PEI (Plano de Ensino Individualizado). O estudo vem se encaminhando para a elaboração de um Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado (PDPI), a partir das formações docentes que ocorreram na instituição, tendo em vista a necessidade de desenvolver estratégias que pudessem favorecer o processo de escolarização de alunos com deficiência intelectual e, nesse caso específico, com a surdez associada.

3.RESULTADOS INICIAIS

3.1. Interação pesquisador e sujeito

O trabalho iniciou com o instrutor anterior apresentando o pesquisador/instrutor à turma. A aluna, sujeito da pesquisa, nos primeiros contatos apresentou introversão, não desejando se colocar no grupo nas dinâmicas apresentadas. Na semana seguinte, o pesquisador reconheceu a restrição auditiva, mas de forma concomitante, o sujeito começou a se expressar por meio de linguagem gestual, sentimentos de alegria pela chegada dele.

Ao ser inserido nas atividades práticas, o pesquisador reconheceu as habilidades do sujeito nas aulas práticas de controle da bandeja e montagem da mesa, desempenhando de forma própria as atividades. Mesmo apresentando restrição auditiva, reconhece as consignas, estabelece esforço para compreensão das tarefas, possui concentração e esforço para o cumprimento das tarefas propostas. Foi observado que devido à sua perda auditiva, ela fica dispersa em alguns momentos e não se comunica com os demais alunos. A aluna usa gestos, gritos e sinais gestuais, mas ainda não faz o uso da Libras.

Concluimos nesta etapa que uma estratégia para aprimorar e ampliar a comunicação e autonomia da aluna é o Ensino Colaborativo na perspectiva da aplicação do PDPI. No decorrer do processo, verifica-se a necessidade de um trabalho contínuo integrado com seus familiares e com a profissional de saúde (fonoaudióloga) que acompanha o sujeito desde seus seis anos para um trabalho efetivo de aquisição da Libras.

No momento do inventário de habilidades, a aluna apresentou progresso referente à construção de vínculos com os demais alunos da turma, maior interesse pelas atividades propostas e exerceu a capacidade de resolução de problemas. Na perspectiva de aplicação do PDPI, percebendo o crescimento e a formação profissional, utiliza o instrumento com o objetivo de delinear as suas capacidades e interesses, necessidades e prioridades, contemplando metas a serem cumpridas, tais como: ampliação da comunicação através da aceitação da Libras e manejo no contato com o público (visto que seu contato interpessoal com pessoas desconhecidas é restrito), manuseio das atividades específicas propostas como: montagem e desmontagem da mesa, arrumação dos talheres, pratos e utensílios do Restaurante e outros, e temos como metas e prazos o ano de 2011/2012.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitos anos as pessoas com deficiência lutam por garantir o seu direito de viver com igualdade dentro da sociedade. Apesar de toda a sua luta, o pre-

conceito e a falta de informação são ainda os maiores entraves. Citando Fogli (2010, p.136):

a inclusão na educação profissional relaciona-se diretamente com a participação de uma equipe multiprofissional e com o constante diálogo entre diferentes setores da sociedade. A consolidação de parcerias representa dentro deste universo a possibilidade de projetos que venham a atender as diferentes demandas do processo ensino/aprendizagem, assim como as etapas de inserção desse aluno no mundo do trabalho.

A questão fica evidente quando deparamos com a realidade de uma aluna com deficiência intelectual e surdez que ainda não se apropriou da Libras como língua primária.

A partir das perspectivas analisadas e levando em consideração as demandas atuais da Educação Especial, esta pesquisa pode vir a constituir um ponto de partida para os estudos que mostram as pessoas com deficiência sendo trabalhadas, promovendo sua independência e autonomia. Também é necessária uma mudança de paradigma dos sistemas educacionais.

Para isso, a contribuição da psicopedagogia é fundamental, pois nos leva a refletir sobre como se observam os processos cognitivos e psicológicos que permeiam o processo de aprendizagem (autoestima e autoimagem), a forma que se analisa a relação que o sujeito tem com o conhecimento, e a melhor forma de se transmitir facilita a identificação das expectativas que o sujeito surdo tem a respeito da aprendizagem, se favorece o respeito à linguagem visual-gestual e a diferença linguística (entre os pares e membros da Comunidade Escolar), se construir um Ensino e trabalho colaborativo (relevância dos estudos sobre Bido-cência) e o mais relevante é o caminho que trilhamos em busca da capacitação de todos e a formação de uma escola democrática.

Finalizamos sobre o NOVOLHAR para a Inclusão pela perspectiva psicopedagógica com a citação do filósofo Leonardo Boff (1997): “a libertação começa na vossa consciência e no resgate da vossa própria dignidade, feita mediante uma prática conseqüente”.

Confiai, jamais estareis sós. Haverá sempre espíritos generosos de todas as raças e de todas as classes que farão corpo convosco na vossa nobre causa da liberdade. Haverá sempre aqueles que pensarão: cada sofrimento humano, em qualquer parte do mundo, cada lágrima chorada em qualquer rosto, cada ferida aberta em qualquer corpo é como se fosse uma ferida no meu próprio corpo, uma lágrima dos meus próprios olhos e um sofrimento do meu próprio coração.”

É assim que ensinamos e aprendemos... é assim que vivemos.

Referências Bibliográficas:

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

CUNHA, Manuel Sérgio Vieira e. **Para uma epistemologia da motricidade humana**. 2ª edição. Lisboa: Compendium, 1994

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CRUZ, M. L.R. M.; MASCARO, C.A.A.C.; NASCIMENTO, H.A. "Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado: percurso inicial para elaboração e aplicação". VI Seminário Internacional — As redes educativas e as tecnologias. FE/UERJ. 6 a 9 de jun. 2011.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: ArtMed, 1991.

FOGLI, B. F. C. dos S. "A dialética da inclusão em educação: uma possibilidade em um cenário de contradições — "um estudo de caso sobre a implementação da política de inclusão para alunos com deficiência na rede de ensino". FAETEC. 185 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2010.

GLAT, R. **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007.

____ & PLETSCHE, M.D. "Plano de Desenvolvimento Psicoeducacional Individualizado (PDPI): uma estratégia para favorecer o atendimento educacional especializado de alunos com deficiência mental/intelectual matriculados na Escola Especializada Favo de Mel". Palestra proferida na FAETEC. Dezembro, 2009.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 3ªed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

STAINBACK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão: Um guia para educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. 1994.

TANAKA, E. D. O.; MANZINI, E. J. "O que os empregadores pensam do trabalho da pessoa com deficiência?". **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, V. 11, n. 2, p. 273-294, mai-ago, 2005.